

A FAMÍLIA COMO TECNOLOGIA POLÍTICA NO FORTALECIMENTO DO ESTADO INTEGRALISTA

Family as technology policy in the state of strengthening integralist

Nabylla Fiori de Lima¹⁹
Gilson Leandro Queluz²⁰

Resumo

Este trabalho tem por objetivo expor a articulação entre família e Estado nas obras do chefe integralista Plínio Salgado se detendo, especialmente, em sua argumentação acerca do papel da mulher na construção do Estado e enfatizando a questão das técnicas de si e tecnologia política. Pretendemos, também, mostrar qual o papel da família enquanto mediadora entre o aprendizado das técnicas de si e o fortalecimento do Estado Integralista.

Palavras-chave: Integralismo. Mulheres. Família. Técnicas de si. Estado Forte.

Abstract

This work aims to expose the links between family and state in the works of fundamentalist leader Plinio Salgado pausing especially in its arguments about the role of women in building the state and emphasizing the issue of techniques of the self and political technology. We also wanted to show the role of the family as a mediator between learning the techniques of the self and the strengthening of Integralista State

Keywords: Integralism. Women. Family. Technical him. Strong state.

19 Graduada em Licenciatura em Letras-Português/Inglês. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária (2012/2013). UTFPR – bybylinha@gmail.com.

20 Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); mestre em História pela UFPR; doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Pós-doutor em Política Científica e Tecnológica pela Unicamp; Professor do Departamento Acadêmico de Estudos Sociais (DAESO) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) ambos da UTFPR. email - gqueluz@gmail.com

O movimento Integralista, surgido na década de 30, articulava-se ideologicamente em torno do tripé “Deus, Pátria e Família”, buscando a construção do Estado Integral, em que haveria o surgimento da utópica Quarta Humanidade. Plínio Salgado, Chefe Nacional do movimento, em sua obra denominada *Quarta Humanidade* apresenta-nos as três humanidades, sendo a primeira, Politeísta; a segunda, Monoteísta e a terceira a ateísta. A Quarta Humanidade, por sua vez, seria a nova Era em que o Estado realizaria a felicidade humana baseando-se “na confiança em Deus, no amor do próximo, sem precisar excluir os valores científicos, mas subordinando a ciência a um pensamento superior de finalidade humana” (SALGADO, 1955c, p.65).

De acordo com a obra *A Doutrina do Sigma*, a revolução Integralista seria a base para a reconstrução do Homem e conseqüentemente da Quarta Humanidade. Ela se daria em dois planos simultaneamente: O plano espiritual mediato e o imediato. O plano imediato seria a transformação do Estado para que se pudessem assumir novas atitudes frente aos problemas. O plano mediato seria a reconstrução do Homem através daquilo que Plínio chamava de “Revolução Interior” ou “Revolução Espiritual”, sendo— “mediato, porque para atingi-lo teremos de levar muitos anos de doutrinação, de educação constante da massa, de esforço individual de cada um” (SALGADO, 1935, p.14). A doutrinação dentro do movimento Integralista se daria através da educação.

Salgado acreditava que a educação individual e das massas poderia elevar “a média das virtudes morais e cívicas do povo brasileiro” (SALGADO, 1935, p.16). A essa educação, Plínio Salgado dava o nome de “revolução espiritual”.

Técnicas de si e revolução espiritual

Entendemos esta padronização de comportamentos desejados pelo chefe nacional a serem seguidos pelos homens integralistas por aquilo que Foucault denominou de *técnicas de si*, ou seja, as técnicas

“que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.” (FOUCAULT, 1994, p.2)

Estas práticas de “cuidado de si”, para Foucault, configuravam as regras de conduta da vida social na civilização grega, e, portanto das pólis na antiguidade. Através das transformações posteriores dos princípios morais da sociedade ocidental, o “cuida de ti mesmo” grego acabou sendo substituído pelo “conhece-te a ti mesmo”, considerando o cuidado de si como algo imoral. Foucault afirma que, “herdamos isso da moral cristã, que faz da renúncia de si a condição da salvação. Paradoxalmente, conhecer-se a si mesmo constituiu um meio de renunciar a si mesmo” (FOUCAULT, 1994, p.4).

Em outro momento de sua obra, Foucault argumenta quando no final do século XVIII o Estado passa a organizar a administração da sociedade para garantir o abastecimento geral, boa saúde e a proteção da vida dos indivíduos, percebe-se que o cuidado com a vida do indivíduo torna-se, então, um dever do Estado (FOUCAULT, 2006, p. 302-303). Através dessa forma de governar, não apenas se fortalece o poder do chefe, mas principalmente consolida-se o próprio Estado.

No caso da proposição do estado integralista por Plínio Salgado, às técnicas de si combinar-se-iam o princípio de Autoridade, entendido este como uma garantia e condição de paz social (SALGADO, 1955a, p.92)

A obediência é, para Foucault, também uma técnica de si e implica no controle do indivíduo pelo mestre (no caso dos integralistas, pelo Chefe Nacional), levando os indivíduos a sacrificarem a si próprios e as suas vontades (FOUCAULT, 1994, P.18). Quanto a isto e à autoridade, Salgado - embora afirme que o Chefe “não passa de um simples soldado, que eventualmente exprime o princípio da autoridade” (SALGADO, 1935, p.30) - reitera a sua colocação de que, uma pessoa incapaz de governar-se a si mesmo seria incapaz de governar uma Pátria (SALGADO, 1935, p.17), quando ao falar da disciplina do Homem Integral, coloca a questão da obediência à autoridade:

(o integralista) “nunca deixará de cumprir uma ordem de seus superiores, ainda quando a julgue errada, porque uma ordem certa e discutida torna-se mais pernicioso do que uma errada

e cumprida, porque esta, pelo menos, prestigia o princípio da autoridade e revela, em quem obedece, um triunfo moral sobre si próprio. Quem não sabe obedecer jamais saberá comandar e o Integralismo é também uma escola de comandantes” (SALGADO, 1935, p. 29).

E depois afirma: “Toda a preocupação dos integralistas é formar uma grande família, presa pelos laços indestrutíveis de uma doutrina e de uma solidariedade moral profunda. A nossa força vem daí” (SALGADO, 1935, 29).

Família e estado

A Revolução Integralista, aliada à revolução espiritual, levaria os homens ao Estado Integral, o Estado-Forte. Este Estado, para o Chefe Integralista, seria aquele “cuja autoridade moral se fortalece pelo respeito que esse mesmo Estado vota à intangibilidade da “pessoa humana” e de todas as suas expressões grupais ou sociais” (SALGADO, 1955b, p.161). Para o Estado Integral ser forte, seria necessário que se criasse a consciência nos grupos humanos e garantir que estes grupos convivam harmoniosamente respeitando suas diferentes naturezas, funções e objetivos. As prerrogativas do Estado, portanto, não seriam entendidas como direitos, mas sim como deveres. (SALGADO, 1955b, p.161-162)

Para restaurar o equilíbrio social e criar a forma de Estado proposta, o Estado Integral deveria buscar alguma fonte moral. Essa fonte de moralidade seria a Família (LOUREIRO, 1981, p.50-51):

“a família é que dá ao Homem o seu senso das proporções exatas. É ela que lhe imprime o sentido profundo de humanidade. É em razão dela que o Estado não absorve o indivíduo, nem o indivíduo absorve o Estado; que o interesse coletivo não atenta contra o interesse individual, nem o interesse individual se sobrepõe ao interesse coletivo. Sendo uma realidade biológica, a Família é também o imperativo filosófico, o valor sociológico, por excelência. É no quadro da Família que o Homem adquire o senso equilibrado das perspectivas sociais. É no seu âmbito que se possibilita a concepção harmoniosa do Indivíduo, da Classe Profissional, da Coletividade, do Estado e da Pátria” (SALGADO, 1936, apud CHASIN, 1978, p.559).

A doutrina Integralista está alicerçada na concepção espiritualista do

Universo e do Homem, o que significa que, para o Integralismo, haveria a prevalência do Espírito sobre a matéria e deveria haver, portanto, “a superposição dos valores da Alma em relação às contingências do corpo, pois o Homem não pode procurar alicerce em si mesmo, porque seu alicerce único é Deus” (LOUREIRO, 1981, p. 13). Assim sendo, a doutrina Integralista prega “o respeito à Pessoa Humana e a defesa de tudo que lhe é inerente” (LOUREIRO, 1981, p.14), estando dentro disto a Família.

Tendo como lema do movimento integralista o tripé

“Deus, pátria e família”, esta última, base da sociedade para Plínio Salgado, apresenta um importante papel na construção da ideologia integralista. Dentro da noção de Grupos Naturais²¹ (LOUREIRO, 1981, p.52), Salgado afirma que a família seria o primeiro e mais importante grupo natural, considerando que o Estado está a serviço dela. “A Família é a síntese do Estado, das Classes, da Nação e da Humanidade. Ela exprime, no seu pequeno mundo, os fenômenos do grande mundo. (...) Ninguém pode sentir a Humanidade sem experimentar o gosto amargo e doce da Pequena Humanidade, que é a família. (...) Quem não compreendeu a Família não compreendeu a Humanidade.” (SALGADO, 1936, apud CHASIN, 1978, p.560)

A família serviria como um espaço de domesticação do homem, de formação do militante integralista e o motivo que levaria os homens a não se deixarem escravizar. Entre o Estado e a família há uma importante relação: “O Homem e sua família precederam o Estado. O Estado deve ser forte para manter o Homem íntegro e a sua família. Pois a família é que cria as virtudes que consolidam o Estado.” (SALGADO, 1955a, p. 84). Além desta noção da família como educadora e moralizadora do homem, para o movimento integralista a família é o que fortalece o Estado, considerando que é numa fonte moral que o Estado busca sua força e a fonte de moralidade é a Família, tem-se que “sem a família não existe Estado Ético”, sendo a família

21 Definição de Grupos Naturais por Maria Amélia Salgado – “A Sociedade Cristã é, antes de tudo, uma sociedade ordenada que se baseia na intangibilidade do Homem ou da Pessoa Humana. Para que o Homem se manifeste sempre segundo o que ele é, cumpre que se exprima por meio daqueles instrumentos de sua própria consciência de realidades, necessidades, direitos e deveres, fins temporais e eternos. Esses instrumentos se denominam Grupos Naturais, isto é, a reunião de seres humanos defendendo interesses e objetivando finalidades comuns” (LOUREIRO, 1981, p. 52). Os Grupos Naturais são: A Família, a Profissão, a Propriedade e o Município.

a “maior das realidades” (SALGADO, 1936, apud CHASIN, 1978, p.560) e, sendo assim, é a “*miniatura* do estado, que, por sua vez, então, não é outra coisa do que “uma grande família, um conjunto de famílias”, como é dito no *Manifesto de Outubro*, documento oficial de lançamento (...) da AIB em outubro de 32” (CHASIN, 1978, p.560). Salgado ainda afirma: “Tirem a família ao homem e fica o animal; façam dele a peça funcionando no Estado e teremos o autômato, infeliz, rebaixado de sua condição superior” (SALGADO, 1950, apud CHASIN, 1978, p.132). Resume-se, então, que “o *estado integral* é um estado ético, ferramenta da revolução espiritualista, e que assenta sua legitimidade sobre a moral da família, da qual haure seu direito à autoridade” (CHASIN, 1978, p.560).

Os esforços do movimento integralista para que se mantenha a família vem no sentido dos deveres que o Estado tem para com o indivíduo: sendo o primeiro o de “prover à sua própria manutenção e à da sua Família, para isso necessitando de direitos que lhe assegurem justa remuneração de trabalho por meio do qual aufere o necessário com que sustentar-se e sustentar o lar doméstico” (LOUREIRO, 1981, p.53). O segundo dever do Estado em relação à família, está no objetivo de “não se extinguir o gênero humano” (LOUREIRO, 1981, p.53), reforçando a importância do Estado em se manter forte para que consiga manter “o Homem íntegro e a sua Família, pois é esta que cria as virtudes que consolidam o próprio Estado”. Ainda relacionando a Família ao Estado integralista, Salgado propõe a ideia do “salário familiar” e do “voto familiar”, que traria à Família um meio de participar do Governo do Estado (LOUREIRO, 1981, p.54).

A questão da família, em Foucault (1979), é um instrumento privilegiado para o governo da população, sendo “aquilo que permite à população desbloquear a arte de governar é o fato dela eliminar a família” (FOUCAULT, 1979, p.170). Encontramos isto no discurso de Plínio Salgado ao afirmar que “a família é que cria as virtudes que consolidam o Estado” (SALGADO, 1950, apud CHASIN, 1978, p.132) – o Estado se funda sobre a família: “A liberdade moral da família é o sustentáculo da liberdade e da força do Estado”. (SALGADO, 1950, apud CHASIN, 1978, p.132-133).

Família integralista e divisão sexual do trabalho

Na família integralista, homens e mulheres recebiam funções diferentes, reproduzindo a lógica da divisão sexual entre espaço público (destinado aos homens) e privado (às mulheres), que teve o seu ápice no século XIX na Europa Ocidental (PERROT, 2005, p.122). Aos homens caberia o trabalho fora de casa e a busca pelo seu valor se daria “pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade”. (SALGADO, 1932, apud LOPES, 2007, p.29). Às mulheres, no entanto, o seu valor seria atribuído “segundo suas funções domésticas, base da família” (LOPES, 2007, p.30).

Salgado baseia-se no determinismo biológico - explicando a divisão sexual dos papéis socialmente determinados no movimento integralista pela natureza ou temperamento diferente dos sexos (CAVALARI, 1999, p.59) - para justificar as atribuições dadas às mulheres dentro do movimento Integralista, afirmando que a função física que distingue a mulher do homem é a maternidade e é em função dela, ou relacionada a ela, que a mulher deve executar suas tarefas – “a mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, adequada ao sexo e aos seus deveres cristãos, no desempenho das funções do lar e da família” (CAVALARI, 1999, p.58). A elas eram atribuídas tarefas relacionadas à educação e aos cuidados das pessoas, reproduzindo dentro dos núcleos integralistas o seu papel destinado dentro da esfera privada.

Encontra-se no discurso integralista uma visão idealizada da mulher, colocando-a como santa, sacrificada, altruísta, bondosa, anjo (CAVALARI, 1999, p.61). Conjuntamente a isso, há a ideia de que “formar um homem é tarefa quase divina!” (BRASIL FEMININO, 1937), e é à mulher que é entregue o papel de educar os homens. Estes posicionamentos são reafirmados em uma carta recebida pelo chefe integralista, já em 1953, na qual uma mãe aflita, ao discorrer sobre seus questionamentos a respeito da educação de seu filho, afirma: “É a mulher a chave de formação moral dos homens” (SALGADO, 1955a, p.149), cabendo a ela a luta pela salvação da família e da Pátria.

Sendo a família um dos principais focos da atuação do Movimento Integralista, e sendo a mulher a principal responsável pela manutenção da fa-

mília, concluímos que a importância das mulheres na construção do Estado Integral é de grande força. São elas que formam as massas integralistas e as elites, inclusive na exaltação de valores como a obediência e a disciplina. Salgado afirma essa importância em um artigo escrito em resposta à carta supracitada, considerando a promoção de um movimento de mães e esposas – “esse movimento de patriotismo, de superior idealismo, empolgando as mulheres de nossa Pátria, pode (...) renovar e dignificar a Nação Brasileira”. Nesse sentido, a família e a propriedade tem seu papel exaltado. “O lar, reconstruído pelo Estado Integral, numa base econômica, tornar-se-á um ambiente de ternura e felicidade, onde ela poderá ser a esposa simples, dedicada e amiga, a zelosa orientadora dos seus filhos!” (BRASIL FEMININO, 1937).

Encontramos poucas informações referentes ao trabalho e à atuação política das militantes integralistas. Embora tenhamos informações em relação à existência de Departamentos femininos nos núcleos integralistas, pouco se diz das reuniões das mulheres nesses departamentos e nada encontramos a respeito das mulheres que os chefiavam ou da participação ativa delas quando havia encontros mistos, tal como afirma Perrot – “a política – a direção e a administração do Estado – constituem-se, de imediato, como um apanágio masculino” (PERROT, 2005, p.198).

A mulher que abandonava o lar para trabalhar fora de casa era vista por Salgado “como evidente anormalidade biológica” (SALGADO, 1949, p.86). Só seria aceito o trabalho das mulheres caso precisasse contribuir para a renda da família: “A participação no trabalho assalariado é temporária, ritmada pelas necessidades da família, que comanda, remunerada com um salário complementar, condicionada às tarefas chamadas de não qualificadas, subordinadas e tecnologicamente específicas” (PERROT, 2005, p.198). No entanto, Salgado critica a sociedade que não dá ao homem condições de sustentar sua família sem a necessidade de tirar sua mulher de suas tarefas biologicamente pré-destinadas, o que culminaria na destruição da família. Em seu livro *Direitos e Deveres do Homem*, Salgado escreve para “A mulher iludida e degradada”, criticando o liberalismo de iludir as mulheres com uma falsa impressão de liberdade, ao proclamar os direitos da mulher sem levar em conta seus fins biológicos e morais (SALGADO, 1949, p.92).

O discurso do chefe integralista vai ao encontro aos discursos da Igreja Católica Romana na época, relativos às mulheres e à família. Na encíclica *Rerum Novarum*, o Papa Leão XIII, já comentava o trabalho da mulher: “Trabalhos há também que se não adaptam tanto à mulher, a qual a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, que, por outro lado, salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação dos filhos e a prosperidade da família.” (LEÃO XIII, 1891).

Para a construção destes discursos, a Igreja, se apropria, no entanto, da formação do sentimento de família da burguesia. É importante notar a progressão do sentimento de família nos séculos XV e XVI, tal como mostra Philippe Ariès (1981, p.137) e Nelson Schapochnik (1998). Para Georges Duby, “a família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado” (ARIÈS, 1981, p.145), ideia que Plínio Salgado de certa forma se apropria ao utilizar o discurso da importância da família, enfatizando, porém o papel da consolidação da família para o fortalecimento do Estado.

Considerando que o cristianismo se coloca entre as religiões de salvação, tem-se que esta religião “impõe um conjunto de condições e de regras de conduta que têm por objetivo certa transformação de si” (FOUCAULT, 1994, p.15). Devido às obrigações impostas pela religião, o indivíduo passa a aceitar certos deveres. O Integralismo, ao adotar parcialmente a doutrina católica sobre o papel da mulher e da família, utiliza-se destas ideias que, consideradas verdades, ajudam a convencer aqueles que se identificam com o Integralismo sobre a importância da Revolução Espiritual e, com isto, a seguir a doutrina Integralista.

Educação

A educação no movimento integralista, como já indicado anteriormente, tinha um importante papel, sendo essencial para seus objetivos. Esta educação se daria sob três aspectos: físico, intelectual e espiritual²², que cons-

22 “Da primeira, decorre a saúde e vitalidade do corpo; da segunda, a posse dos conhecimentos cien-

tituíam o “homem integral”. Era através dela que se promovia a doutrinação das massas integralistas e a formação das elites. Além disto, obediência e disciplina eram valores cobrados aos integralistas, “entendidos como condição *sine qua non* para a obtenção da *ordem espiritual e moral*, indispensáveis ao movimento” (CAVALARI, 1999, p.52). Para dar conta desta educação, havia o Departamento Feminino e o Departamento dos Plinianos. Ao primeiro, caberia a qualificação das mulheres (chamadas “Blusas-Verdes”) não eleitoras e a alfabetização de (futuros) eleitores - “Através da alfabetização rápida buscava-se ensinar os brasileiros a ler e a escrever, não para elevar o seu nível cultural (...), mas para que ele pudesse obter seu título de eleitor” (CAVALARI, 1999, p.65) Ao Departamento dos Plinianos, por sua vez, caberia educar os brasileiros de até 15 anos de idade. A educação do integralista adulto, no entanto, era feita por homens através da *doutrinação*. (CAVALARI, 1999, p.66)

A educação, no entanto, não se dá apenas no lar e na escola, como afirma Maria Amélia Salgado Loureiro:

“A educação se faz também por outros veículos do pensamento. Assim, o Estado deve exercer fiscalização direta sobre o rádio, a televisão, o teatro, o cinema, o livro e a imprensa, a fim de que tais instrumentos de difusão de ideias e de exemplos, longe de deseducarem o povo (...) venham, ao contrário, colaborar com o Estado e as Famílias na obra de elevação moral da Nacionalidade” (LOUREIRO, 1981, p.55).

Pretendendo atender e representar a população, o Integralismo colocava a classe média, que não estava inserida na política tradicional, como um de seus públicos principais. A classe média era para Miguel Reale a “portadora da Idéia”, vendo-a como “a presença da sociedade política no interior da sociedade civil, mediadora entre o Estado e as demais classes através da função do governo, da administração e da justiça” (CHAUÍ, 1978, p.58). Marilena Chauí aponta-nos, todavia, a impossibilidade da classe média ser portadora de um projeto político autônomo - “a heterogeneidade da composição, a ambiguidade ideológica, a “desposseção” econômica, o medo da proletarianização e o desejo de ascensão fazem da classe média não apenas

tíficos, técnicos e artísticos; da terceira, as normas do seu comportamento moral, em seu próprio benefício, da Família e da Nação” (LOUREIRO, 1981, p.54).

uma classe conservadora, mas visceralmente reacionária.” (CHAUÍ, 1978, p.59) No entanto, entre fascismo e comunismo, a classe média opta pelo fascismo, visto que, para Chauí, a consciência política desenvolvida em circunstâncias como as que tal classe se encontrava, acaba por ser sempre conservadora. (CHAUÍ, 1978, p.67)

Conclusões

Ao analisarmos o discurso pliniano encontramos relações com a perspectiva foucaultiana de técnicas de si e tecnologia política dos indivíduos, principalmente no que se refere à relação entre família e estado.

A Família no movimento Integralista era a mais importante das instituições sociais, considerada o nascedouro da vida social. Ao Estado cabe o dever de manter esta instituição, protegendo-a e favorecendo sua integridade, até mesmo através de uma legislação familiar. (REALE, 1935, apud CHASIN, 1978, p.144).

É através dos discursos sobre a importância da família e sobre qual deve ser o verdadeiro papel da mulher na sociedade utilizando-se dos discursos de uma instituição reconhecida socialmente (Igreja) que Plínio Salgado justifica o exercício da sua autoridade sobre a vida dos indivíduos. É da natureza da família que o Estado extrai a sua autoridade: “Com este caráter é que ele tem autoridade para traçar rumos à Nação. Baseado no direito da família é que o Estado tem o dever de realizar a justiça social, representando as classes produtoras” (SALGADO, 1936, apud CHASIN, 1978, p.133). Michel Foucault afirma que se governam coisas e “estas coisas, de que o governo deve se encarregar, são os homens, mas em relação com coisas que são as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima, seca, fertilidade, etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, etc.” (FOUCAULT, 1979, p.166). A questão da família é um instrumento de controle do estado autoritário – “quando se quiser obter alguma coisa da população – quanto aos comportamentos sexuais, à demografia, ao consumo, etc. – é pela família que se

deveria passar. De modelo, a família vai tornar-se instrumento, e instrumento privilegiado, para o governo da população e não modelo quimérico para o bom governo” (FOUCAULT, 1979, p.170).

Foucault trata da tecnologia política dos indivíduos mudando o campo de questões das técnicas de si, reconhecendo os indivíduos enquanto elementos de um Estado ou nação (FOUCAULT, 2006). A arte de governar pressupõe que “aquele que quer poder governar o Estado deve primeiro saber se governar, governar sua família, seus bens, seu patrimônio” (FOUCAULT, 1979, p. 165). Além disto, o exercício do poder serve não somente para fortalecer aquele que está no poder, mas principalmente fortalecer o Estado (FOUCAULT, 2006, p.306). Tem-se então, que a utilização das técnicas de si para domínio dos indivíduos, como uma tecnologia política dos indivíduos enquanto constituinte do Estado fortaleceria o Estado tal como o chefe integralista defendia.

Referências

ARIÈS, Philippe. A Família. In: *História Social* da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.131-196.

BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira. 1937. Revista ilustrada.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008. 368 p.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. A Revolução do Espírito. In: *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*, Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999, p.41-75.

CHASIN, José. O integralismo de Plínio Salgado: Forma de Regressividade no Capitalismo híper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.17-117.

FOUCAULT, Michel. Governamentalidade. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p.163-172.

FOUCAULT, Michel. *Técnicas de Si*. In: Dits et écrits. Tradução de por Karla Neves e Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813. Disponível em: <http://metodologiaangel.files.wordpress.com/2010/10/foucault-michel_as-tc3a9cnicas-de-si_1982.pdf> Acesso em 27 ago. 2012.

FOUCAULT, Michel. Tecnologia Política dos Indivíduos, in: *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, pp. 301-318.

LEÃO XIII, Papa. *Carta encíclica "Rerum Novarum" do Papa Leão XIII sobre a Condições dos Operários, 1891*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html> Acesso em 27 ago. 2012.

LOPES, Daniel Henrique. *As experiências femininas na AIB, 1932-1938*. Revendo o Passado. Gênero e Representações. 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.

LOUREIRO, MARIA AMÉLIA SALGADO. *O Integralismo. Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. São Paulo: Voz do Oeste, 1981.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005. 520 p.

RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SALGADO, Plínio. *A Doutrina do Sigma*. São Paulo: Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1935.

SALGADO, Plínio. *A Mulher no Século XX*. São Paulo: Guanumby, 1949a.

SALGADO, Plínio. *Direitos e Deveres do Homem*. São Paulo: Editora das Américas, 1955a.

SALGADO, Plínio. *Madrugada do Espírito*. São Paulo, Editora das Américas, 1955b.

SALGADO, Plínio. A Quarta Humanidade. In: SALGADO, P. *Obras Completas*, v.5. São Paulo: Editora das Américas, 1955c, p.09-161.